

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

A Europa Que Queria Voar, Mas Ficou Presa ao Carimbo

Publicado em 2026-06-11 13:42:00



BOX DE FACTOS

- França e Alemanha desistiram de prosseguir o núcleo do projecto FCAS/SCAF, conhecido como o caça europeu do futuro.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

estrategica europeia.

- **As divergências principais envolveram a Dassault Aviation e a Airbus, sobretudo sobre liderança industrial, propriedade intelectual, partilha tecnológica e requisitos militares.**
- **O sistema deveria preparar a aviação de combate europeia para a década de 2040, substituindo progressivamente aeronaves como o Rafale e o Eurofighter.**
- **O falhanço revela uma velha fragilidade europeia: enorme escala económica, mas fraca capacidade de decisão estratégica comum.**

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Uma União Europeia com 450 milhões de cidadãos, indústria aeroespacial de topo, universidades, engenheiros, satélites e ambições geopolíticas não conseguiu pôr de acordo duas grandes empresas para construir o seu caça do futuro. O avião caiu antes de levantar voo. Não por falta de asas, mas por excesso de egos, interesses nacionais e papel timbrado.

A União Europeia gosta de falar de autonomia estratégica. Fala dela em cimeiras, relatórios, discursos, comunicados e painéis cuidadosamente iluminados, onde todos parecem ter descoberto, com vinte anos de atraso e grande solenidade, que depender eternamente dos Estados Unidos para a defesa talvez não seja uma estratégia, mas uma forma educada de menoridade geopolítica.

Depois chega o momento de transformar a retórica em metal, software, sensores, motores, doutrina, comando e risco industrial. E aí, como tantas vezes acontece, a Europa deixa cair a espada e procura a pasta de arquivo. O caso do FCAS/SCAF, o projecto franco-alemão e espanhol para desenvolver o sistema aéreo de combate do futuro, é uma pequena tragédia tecnológica e uma grande comédia política. Aquelas

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

possível continuar o núcleo do projecto do caça europeu do futuro. No centro do bloqueio estavam a Dassault Aviation, do lado francês, e a Airbus, representando interesses alemães e espanhóis. A disputa girava em torno da liderança industrial, da propriedade intelectual, da partilha tecnológica, dos requisitos militares e da velha pergunta que enterra tantos projectos europeus: quem manda?

A Europa, esse gigante com reflexos de anão

O escândalo não está apenas no falhanço de um projecto. Projectos falham. Tecnologias atrasam-se. Empresas discutem. Orçamentos derrapam. Nada disso é novo. O escândalo está na incapacidade europeia de transformar escala em poder. A Europa tem população, dinheiro, conhecimento, indústria, história, universidades, laboratórios, fabricantes, engenheiros e necessidade estratégica. Falta-lhe, demasiadas vezes, uma coisa simples e rara: decisão.

A União Europeia é excelente a regular. Regula plataformas digitais, emissões, mercados, alimentos, tampas de garrafa, carregadores, dados, privacidade, concorrência e até o modo como o futuro deve preencher os formulários do presente. Mas quando a pergunta deixa de ser normativa e passa a ser existencial, tudo se complica. Defender-se?

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Há qualquer coisa de profundamente revelador neste episódio. A Europa consegue imaginar uma defesa comum, mas não consegue construir o seu símbolo mais avançado. Consegue falar de soberania tecnológica, mas fica bloqueada quando a propriedade intelectual toca nos interesses nacionais. Consegue declarar que o mundo mudou, mas continua a actuar como se a História tivesse de pedir autorização antes de avançar.

O caça que morreu na sala de reuniões

O FCAS não era apenas um avião. Era um sistema de sistemas. Um ecossistema militar avançado que combinaria um caça tripulado de nova geração, drones cooperativos, sensores, comunicações seguras, inteligência artificial, nuvem de combate e integração em rede. Não se tratava apenas de substituir aeronaves antigas. Tratava-se de preparar a Europa para uma guerra aérea profundamente digital, onde a superioridade deixará de depender apenas da velocidade, da manobrabilidade ou do armamento, e passará também pela informação, pela conectividade, pela guerra electrónica e pela capacidade de coordenar múltiplos meios em tempo real.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

fechadura e a repartição dos custos do tapete.

A França tem razões próprias. Possui uma tradição aeronáutica militar autónoma, tem a Dassault, tem o Rafale, tem doutrina nuclear, tem aviação naval embarcada e uma cultura estratégica que nunca aceitou completamente a dependência externa. A Alemanha tem outra cultura política, outra relação com o poder militar, outras necessidades operacionais e outra estrutura industrial. A Espanha entrou como parceira tecnológica relevante, com Airbus e Indra. Em teoria, isto podia ser uma força: diversidade de capacidades, partilha de competências, escala continental. Na prática, tornou-se a velha sinfonia europeia: cada instrumento toca bem, mas ninguém aceita o maestro.

Autonomia estratégica não se constrói com comunicados

A expressão “autonomia estratégica” tornou-se uma espécie de incenso diplomático europeu. Queima-se em Bruxelas, perfuma os discursos e dá a sensação de elevação. Mas a autonomia estratégica não nasce das palavras. Nasce da capacidade de produzir energia, chips, software crítico, satélites, comunicações, defesa, inteligência, comando e indústria. Nasce da capacidade de decidir. Nasce da

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

nenhuma vaidade nacional. Quer escala sem comando. Quer defesa comum sem verdadeira integração política. Quer indústria europeia sem resolver a luta entre campeões nacionais. Quer ser potência, mas continua a comportar-se como federação de prudências, ressentimentos e cálculos eleitorais.

O mundo, infelizmente para os amantes da acta bem redigida, não espera. A Rússia mostrou que a guerra convencional regressou à Europa. A China acelera no domínio tecnológico e militar. Os Estados Unidos continuam essenciais, mas a política americana tornou-se menos previsível e mais transaccional. A NATO permanece vital, mas uma Europa adulta não pode viver eternamente na adolescência estratégica, esperando que Washington venha resolver a segurança do bairro.

E no entanto, perante este cenário, o continente que se diz desperto não consegue concluir o seu grande projecto aéreo de combate. É quase poético, se a poesia tivesse cheiro a gabinete fechado.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

muito, comanda pouco. Produz consensos lentos, compromissos frágeis e fórmulas cuidadosamente ambíguas. Isto funciona razoavelmente em matérias técnicas, comerciais ou regulatórias. Mas em defesa, tecnologia crítica e geopolítica, a ambiguidade mata. O adversário não espera pelo consenso. O mercado global não espera pela reunião seguinte. A tecnologia não espera pela conciliação de agendas nacionais.

O FCAS caiu nesta fenda. Era demasiado importante para ser tratado como simples contrato industrial, mas não havia autoridade política suficientemente forte para o impor como projecto estratégico europeu. Resultado: as empresas defenderam os seus interesses, os Estados defenderam as suas indústrias e a Europa defendeu, sobretudo, a sua incomparável tradição de perder tempo com elegância.

Quando os norte-americanos desenvolvem um programa militar estratégico, há conflitos, custos, atrasos e interesses industriais, naturalmente. Mas há também uma arquitectura de comando e uma cultura de decisão imperial. Quando os chineses definem uma prioridade estratégica, mobilizam Estado, indústria, academia e capital. Quando os europeus tentam fazer o mesmo, criam um comité, nomeiam mediadores e esperam que a História aguarde no corredor.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

conseguir produzir os seus próprios. Isto não é apenas uma questão de orgulho industrial. É uma questão de soberania. Quem compra o sistema compra também limites, dependências, actualizações, cadeias logísticas, regras de uso, vulnerabilidades e prioridades alheias. Num mundo benigno, isso pode parecer aceitável. Num mundo em fragmentação, é uma fragilidade.

A defesa moderna é inseparável da electrónica, do software, da inteligência artificial, da guerra de dados, da cibersegurança, das comunicações por satélite e da integração em rede. Quem não domina estes elementos não controla plenamente a sua defesa. Pode ter equipamento, pode ter uniformes, pode ter desfiles, pode ter discursos. Mas não tem soberania operacional plena.

A Europa precisa de compreender isto sem romantismo. A autonomia estratégica custa dinheiro, exige conflitos, obriga a escolhas e desagrade a interesses instalados. Não se alcança por proclamação. Não nasce de uma resolução parlamentar bonita. Não se imprime em brochuras. Constrói-se com engenharia, indústria, comando político e responsabilidade. Uma novidade embaraçosa, portanto.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

moralmente bem intencionado. Um mercado regula. Uma potência decide. Um mercado harmoniza. Uma potência investe. Um mercado recomenda. Uma potência protege os seus interesses vitais. Um mercado pede parecer. Uma potência assume riscos.

Durante décadas, a Europa viveu sob uma espécie de guarda-chuva histórico: paz americana, energia relativamente barata, globalização funcional, Rússia tratada como problema gerível, China vista como oportunidade económica e defesa remetida para o rodapé orçamental. Esse mundo acabou. Mas as instituições europeias ainda se movem, muitas vezes, como se ele continuasse. Há uma diferença trágica entre perceber intelectualmente que uma época terminou e conseguir institucionalmente agir como se tivesse terminado.

O fracasso do FCAS é mais um sinal dessa lentidão civilizacional. Não porque a Europa seja incapaz de produzir tecnologia. Pelo contrário. É capaz. A indústria europeia tem talento, conhecimento e tradição. O problema é político. É de organização do poder. É de prioridade. É de coragem. É de cultura estratégica.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

industriais. A segunda é ainda mais dura: não há soberania comum sem alguma perda de soberanias pequenas. A terceira é desconfortável: a Europa não pode continuar a fingir que basta juntar empresas nacionais para criar poder europeu. Juntar peças não faz um motor. Juntar bandeiras não faz comando.

Se a União Europeia quer mesmo ter autonomia tecnológica e militar, terá de criar mecanismos de decisão mais claros, financiamento mais coerente, repartição industrial mais transparente e liderança política capaz de arbitrar conflitos antes que eles destruam os projectos. Caso contrário, continuará a repetir o mesmo ciclo: grande visão, orçamento imponente, cerimónia inicial, divergências crescentes, bloqueio técnico, impasse político, colapso discreto e novo comunicado sobre a importância da cooperação europeia.

É o equivalente estratégico a construir uma pista, inaugurar a torre de controlo, contratar os engenheiros, desenhar o avião, distribuir os lugares na cabine e depois descobrir que ninguém concorda sobre quem fica com o cockpit. A Europa, ao menos, nunca desilude na sua capacidade de transformar potência em metáfora.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

adiar a sua maturidade estratégica. E cada adiamento tem custo. Custa dependência. Custa influência. Custa capacidade industrial. Custa credibilidade. Custa tempo. E o tempo, em geopolítica, não é uma matéria neutra: é terreno que alguém ocupa.

A Europa tem 450 milhões de cidadãos, uma das maiores economias do mundo, capacidade científica, indústria sofisticada e tradição cultural incomparável. Mas continua a ter dificuldade em transformar tudo isso em vontade comum. É uma civilização brilhante, muitas vezes lúcida, frequentemente generosa, mas politicamente hesitante. Uma espécie de gigante que lê Kant, cita tratados, regula cabos USB e depois pergunta aos outros se podem tratar da segurança da casa.

O FCAS queria ser o símbolo da Europa que voa sozinha. Acabou por se tornar o símbolo da Europa que ainda não sabe decidir em conjunto. Não caiu nos céus. Caiu antes, muito antes, na pista burocrática dos interesses nacionais, das rivalidades industriais e da ausência de comando político.

E talvez seja essa a imagem mais perfeita deste tempo: uma Europa com asas desenhadas, motores imaginados, orçamento anunciado e futuro prometido, parada diante de

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Referências editoriais

- Reuters — France, Germany unable to continue fighter jet project, Elysee confirms
- Reuters — German, French leaders unable to resolve FCAS fighter jet dispute
- The Guardian — France and Germany abandon joint project to build European fighter jet
- Reuters — Airbus CEO says FCAS project working well outside core fighter

Publicado em Fragmentos do Caos

Por **Francisco Gonçalves**

Com co-autoria editorial de **Augustus Veritas**.

Nota Final

A Europa económica nunca poderá ambicionar ser um bloco verdadeiramente poderoso sem uma integração política real. Isso é um sonho de sonâmbulos: caminhar convencido de que se avança para a potência europeia, quando afinal se continua preso ao quarto

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Uma Europa apenas económica pode ser um mercado, uma zona monetária, uma potência regulatória e uma distribuidora de fundos, normas e directivas. Mas não pode ser uma potência histórica plena sem comando político, sem soberania estratégica comum e sem capacidade de decidir depressa quando a História deixa de esperar pela próxima reunião.

A integração económica sem integração política é como construir um avião com asas magníficas, motores promissores e electrónica sofisticada, mas sem cockpit comum. Cada piloto puxa para seu lado. Um quer subir, outro quer poupar combustível, outro quer aterrar em Berlim, outro quer proteger a indústria nacional, e Bruxelas sugere criar um grupo de trabalho sobre a harmonização das intenções de voo.

No fim, o aparelho não cai por falta de engenharia. Cai por falta de comando.

A Europa só será poderosa quando aceitar uma verdade dura: não há soberania europeia sem transferência real de soberania nacional em áreas críticas como defesa, energia, tecnologia, indústria estratégica, política externa, fiscalidade mínima

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Uma Europa económica sem integração política profunda é uma bela arquitectura com fundações de névoa. Impressiona ao longe. Mas quando sopra a História, treme.

- Francisco Gonçalves

**Ler o e-Book : Manifesto por uma União
Política Europeia**



GitHub Pages



CodeBerg Pages



Fragmentos do Caos: [Blogue](#) • [Ebooks](#) • [Carrossel](#)



Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)